

SABERES ENCARNADOS PRODUZIDOS POR MULHERES NEGRAS NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Embodied knowledge produced by black women in Brazilian geography

Cíntia Cristina Lisboa da Silva

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

cintia.slisboa@gmail.com

Recebido: 06/04/2024

Aceito: 11/11/2024

Resumo

O objetivo deste artigo é dar visibilidade sobre como as mulheres negras, produtoras das geografias negras, interpretam o gênero na sua trajetória. Para atingir este objetivo foram entrevistadas seis mulheres que se autoidentificaram como negras e desenvolveram trajetórias acadêmicas na Geografia. O roteiro de entrevistas versou sobre dois eixos de questionamentos. O primeiro sobre o percurso das relações familiares e acadêmicas e posteriormente suas percepções de raça e gênero. Tais resultados foram sistematizados com base na metodologia de análise de conteúdo e de organização de redes semânticas que levam a compreensão dos sentidos vividos em suas trajetórias. O conteúdo discursivo indicou a presença de dois campos relacionais, porém distintos, de produção e posicionalidade científica, onde a narrativa produzida por tais mulheres se dá na contramão do que de forma tradicional tem sido apontado na geografia, no que se refere as questões raciais. Sendo assim, é possível apontar que as mulheres negras cientistas da geografia têm em suas famílias um projeto de ascensão social e suporte financeiro. Além disso, as percepções de raça são desenvolvidas a partir da família e as de gênero são identificadas, majoritariamente, a partir de suas inserções em coletivos nas universidades.

Palavras-chave: Trajetórias femininas, interseccionalidade, geografias feministas, geografias negras.

Abstract

This article aimed to build up the visibility of how black women, producers of black geographies, interpret gender in their life trajectories. To achieve such an aim, six women who self-identified as black and developed academic careers in geography were interviewed. The interview scripts addressed two axes of questioning. The first included family and academic relations, while the second focused on their perceptions of race and gender. The results were systematised based on the content analysis methodology and semantic networks that led to understanding meanings experienced in their trajectories. The discursive content indicated the presence of two distinct relational fields of scientific production and positioning, where the narrative produced by the participants opposed the traditional approach observed in geography regarding racial issues. Therefore, we could observe that scientist black women in the geography area have an upward social mobility project and financial support in their families. In addition, their perceptions of race are developed from the family, while those of gender are mainly identified from their insertions in university collectives.

Keywords: Female trajectories, intersectionalities, feminist geographies, black geographies.

1. INTRODUÇÃO

Reconhecemos que a sociedade é estruturada em relações de poder que influenciam na forma de consumo e produção espacial de todas as pessoas, ainda que rupturas existam. O que entendemos enquanto consumo e produção espacial são ações e percepções culturais, econômicas, políticas, intelectuais etc., que acontecem diferenciadamente a depender das pessoas envolvidas e dos espaços analisados.

Sendo assim, ao pensar na trajetória de mulheres negras no espaço da universidade, entendemos que as dimensões generificadas e racializadas do espaço são marcadores estruturais que agem em conjunto. Deste modo, objetivamos contribuir para a visibilidade das trajetórias de seis geógrafas negras, produtoras das chamadas geografias negras, identificando como as mesmas interpretam suas experiências corporificadas enquanto mulheres negras no espaço da universidade, com isso, almejamos discutir a produção científica das geografias negras a partir das trajetórias pontuadas.

As geógrafas entrevistadas estudam a questão racial por uma perspectiva antirracista, o que as vincula as chamadas geografias negras, ponto reconhecido em suas próprias produções. Estar vinculada a este subcampo geográfico significa estar atenta a dimensão política e de mudanças sociais, diferente do que majoritariamente encontramos na Geografia brasileira sobre as questões raciais, tendo em vista que a mesma é entendida enquanto uma Geografia descorporificada e não situada (SANTOS, 2022). O debate racial não é necessariamente antirracista. As pessoas associadas às geografias negras assumem abertamente uma posição política antirracista e é nesse aspecto que vemos a necessidade de pontuar as intencionalidades e posicionalidades políticas que as colaboradoras dessa pesquisa assumem.

As geógrafas negras colaboradoras deste trabalho foram entrevistadas via *Google Meet*, tendo suas entrevistas gravadas e posteriormente transcritas para a realização da análise de conteúdo a partir das frequências mais significativas, como proposto por Laurence Bardin (2016 [1977]), o que nos permitiu a criação de comunidades discursivas para melhor análise. Para alcançarmos o objetivo proposto, o roteiro de entrevista foi estruturado em dois grandes momentos, um primeiro no que diz respeito ao percurso das relações familiares e acadêmicas, seguido de questões ligadas as percepções de raça e gênero durante suas trajetórias acadêmicas, seja enquanto estudantes ou profissionais.

O conteúdo discursivo das seis entrevistas foi transcrito na íntegra e sistematizado por meio da metodologia proposta por Edson Silva e Joseli Silva (2016) em conjunto com a metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS) (HIGGINS; RIBEIRO, 2018; FERETTI;

JUNCKES; CLEMENTE, 2018). O conjunto das entrevistas foi submetido ao tratamento do software OpenRefine¹ que permitiu, por meio de padronização, a redução do conjunto de vocábulos. Após o processamento, o conjunto foi submetido à metodologia de análise de redes sociais (ARS), com apoio do software Gephi 12². A rede inicial (bi-modal) expressa a relação entre frases e palavras. A rede foi composta por 1418 nós, sendo 743 referentes as frases e 675 referentes as palavras. Esta rede inicial foi submetida a uma projeção multimodal, gerando a rede unimodal formada apenas pelas palavras. A projeção consiste na supressão dos nós de frases e o estabelecimento da meta relação entre as palavras entre si. Esta rede unimodal inicial (ver figura 1) é formada por 1029 palavras (nós), conectadas por 2468 arestas (ligações)³.

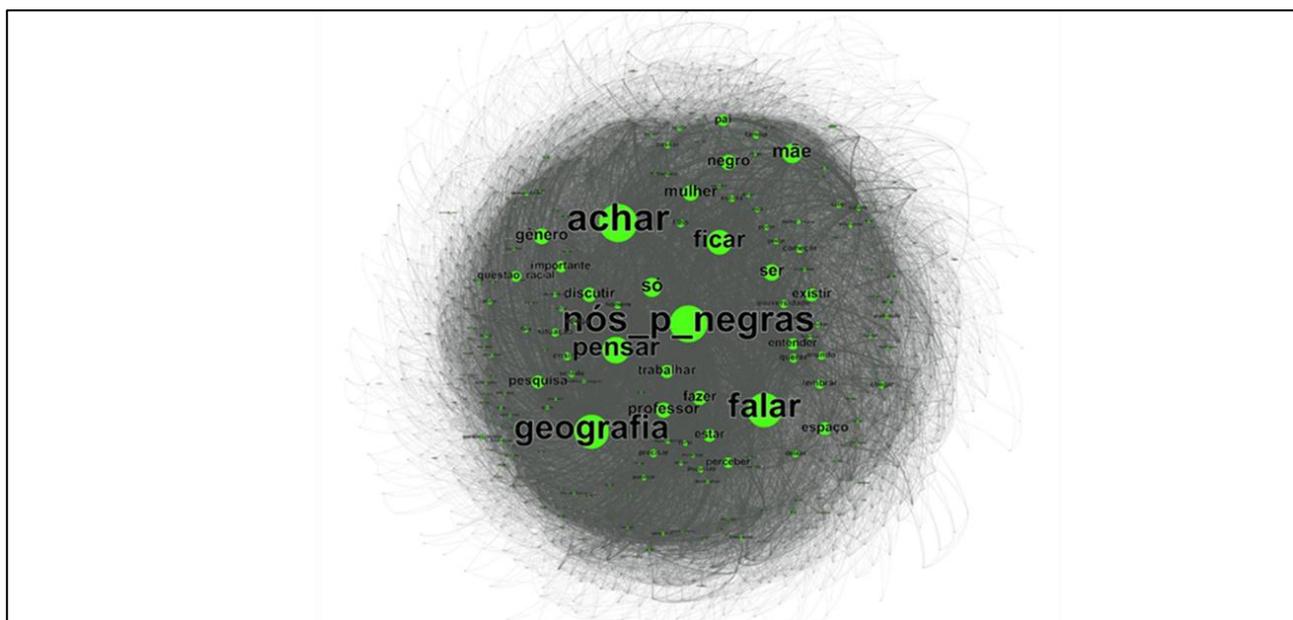


Figura 1 – Grafo de rede bimodal das principais palavras utilizadas nas entrevistas.

Fonte: Entrevistas realizadas com 6 mulheres pesquisadoras negras entre setembro e novembro de 2021.

Organização: própria.

Esta rede permitiu observar as tendências do discurso das mulheres negras e a criação das categorias discursivas, utilizadas na classificação dos enunciados. Para dar prosseguimento ao processo metodológico o conteúdo discursivo foi categorizado por meio do software Taguette⁴. Após a categorização do discurso foram realizados os mesmos procedimentos descritos anteriormente. A rede inicial (bi-modal) formada por palavras e categorias foi composta de 1418 nós, sendo estes 743 referentes a categorias

¹ Disponível em <http://openrefine.org>

² Disponível em <https://gephi.org/>

³ Os arquivos no formato '.csv' utilizados para a montagem das redes estão disponíveis para verificação e teste em: <https://www.kaggle.com/datarepositoty1/geografia-e-racialidade>

⁴ Disponível em <https://www.taguette.org/>.

e 675 de palavras, ligados por 2468 arestas. Esta rede inicial foi submetida a uma projeção multimodal, gerando a rede unimodal (ver figura 2). Esta rede unimodal inicial é formada por 1069 categorias (nós), conectadas por 28363 arestas (ligações)⁵.

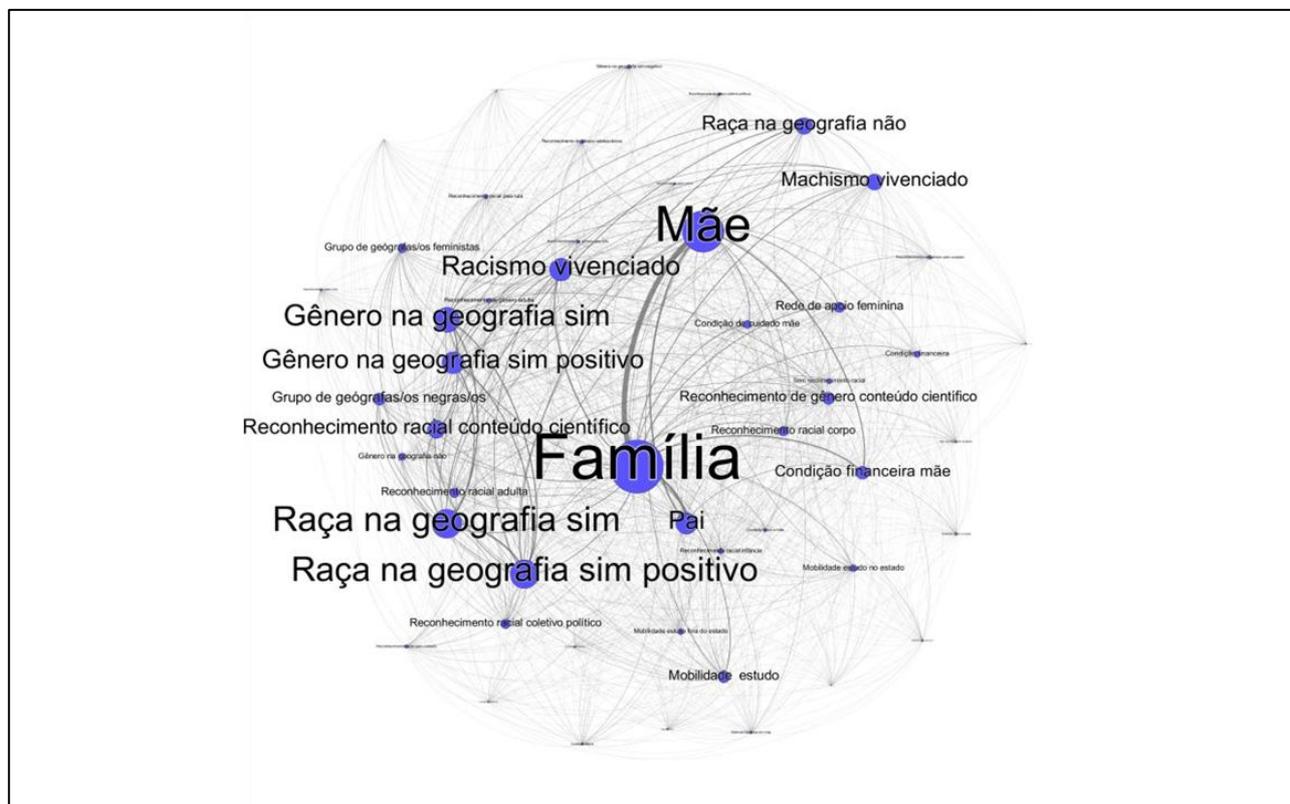


Figura 2 – Grafo de rede unimodal da relação entre categorias discursivas criadas sobre as entrevistas
Fonte: Entrevistas realizadas com 6 mulheres pesquisadoras negras entre setembro e novembro de 2021.
Organização: própria.

A partir da figura 2, foram realizadas as explorações topológicas e modulares exploradas nas próximas seções e que permitiram a identificação dos sentidos dos discursos das mulheres negras no mundo científico da geografia brasileira.

O artigo é dividido em 3 seções, onde a primeira apresenta uma discussão sobre a geografia brasileira e os saberes encarnados, de forma teórica seguida da corporificação das sujeitas colaboradoras deste trabalho. A segunda seção apresenta os pontos de maior convergência da narrativa das geógrafas, ponto este que gira em torno das relações familiares e da busca pela formação superior para superar o destino que a sociedade brasileira busca traçar para as mulheres negras, conforme Lélia Gonzalez (1984; 1988) e Patrícia Hill Collins (2017). Por fim, será evidenciada a narrativa sobre como as geógrafas negras interpretam a vivência generificada em suas trajetórias científicas, tendo em vista os

⁵ Os arquivos no formato ‘.csv’ utilizados para a montagem das redes estão disponíveis para verificação e teste em <https://www.kaggle.com/datarepositoty1/geo-racialidade-genero>.

efeitos do gênero na produção científica, como já comprovado por Vagner Pinto e Joseli Silva (2018).

2. GEOGRAFIA BRASILEIRA E SABERES ENCARNADOS

Entendemos a produção científica como um resultado de relações de poder, com reflexo nas agendas de temas e priorização de métodos, teorias e sujeitas/os. Portanto o que se concebe como movimentos epistemológicos da ciência tem profunda relação com interesses específicos, oriundos de saberes posicionados, situados e corporificados (HARAWAY, 1995), ou seja, encarnados.

A partir da institucionalidade e legitimidade da Ciência Moderna aprendemos que a produção científica se dá racionalmente e descorporificada, como se razão e subjetividade fossem separadas, estando a razão ligada a mente e a subjetividade ligada ao corpo e as suas experiências, entendendo consciência e experiência de formas distintas, conforme Élvis Ramos e Patrícia Milani (2022).

A produção científica moderna pode ser entendida com o que Eduardo Henriques (2007) no texto *Corpo, pessoa e espaço geográfico: Repensar o humano na geografia humana*, indica como sendo a busca pelo “realismo cognoscível” (p. 115), onde o real já está dado exteriormente, cabendo as e aos cientistas apenas a identificação e análise. A ideia não é negar que exista esse real, mas sim entender que ele pode ser de outras formas, no caso, as metanarrativas não são únicas, são variáveis, existindo outras realidades.

O corpo é uma materialidade que faz parte do consumo e produção do espaço. Contudo, temos que ter cuidado para que esse corpo não seja visto apenas com ‘o que eu tenho’. Mas também com ‘o que eu sou’ e isso faz com que haja uma ligação direta entre corpo e mente, ou entre material e espiritual “é uma unidade indissociável, para além da visão dualista [...]. As operações fisiológicas, que tem a ver com a geração de emoções e de pensamentos, que correspondem ao que vulgarmente denominamos de espírito, ou que associamos a mente e ao coração produzem-se nesse todo em permanente interação” (HENRIQUES, 2007, p 121).

Para Ramos e Milani (2022) o corpo não deveria estar fora dos debates geográficos, tendo em vista que as corporeidades humanas não são externas ao espaço. Pelo contrário, a filosofia lefebvriana entende o corpo como constituinte do espaço, tendo em vista que as relações sociais, nas mais variadas espacialidades, se dão a partir de sujeitas/os sociais corporificadas/os. É a partir do corpo que as interpretações sociais surgem e as relações de poder se formam na produção e no consumo espacial, tendo em vista que o mesmo não é

apenas a consciência, mas a noção situada histórica e geograficamente no mundo, e isso se dá de forma encarnada.

O corpo aqui é entendido como meio da interação entre o mundo e o 'eu', se dando por meio dele os sentidos, as representações e as dimensões espaciais, afinal de conta, é pelo nosso corpo que nos localizamos e somos localizadas/os no espaço. Deste modo, surge o reconhecimento de uma Geografia corporificada que não nega tal realidade em suas produções, seja em relação as/aos sujeitas/os que fazem parte de uma pesquisa ou em relação a corporeidade de quem produz determinado conhecimento, levando em consideração que nossas experiências influenciam em como somos, estamos e em como enxergamos o mundo, o que conseqüentemente reverbera em nossas escolhas e posicionamentos, inclusive os científicos.

Todavia, quando analisamos a história da Geografia, em especial a brasileira, observamos que o corpo não figura como um tema central, ou ao menos como um tema recorrente, pois as ideologias e escolas da Geografia seguiram por outro caminho. Por muito tempo a dimensão material e econômica era o que figurava de forma central na chamada Geografia Humana, o que de certo modo pode ser entendido como uma contradição, pois há o reconhecimento da materialidade do espaço físico ao mesmo tempo que não se reconhece o corpo, também, como uma dimensão material e mediadora entre pessoas, instituições e espaços, a partir de distintas relações de poder.

O debate sobre raça, gênero, sexualidade, geração, maternidade, origem espacial, dentre outros, tem sido reconhecido na Geografia reduzindo a suposta neutralidade científica e contribuindo para uma noção de Geografia encarnada. Tal noção vai à contramão de uma produção geográfica clássica, a exemplo da Geografia da População, que trata tais temas de modo descorporificado, ignorando as diferenças corpóreas.

É na virada do século XXI que parte da Geografia se atenta a dimensão corporificada do espaço. No Brasil, foram as chamadas Geografias Subversivas, ou ainda, dissidentes, malditas, marginais desobedientes (SILVA, 2009a), que trouxeram com força o corpo para o centro do debate geográfico, influenciando o aumento de tal discussão e a publicação em torno das corporeidades e das/os sujeitas/os, de acordo com Ramos e Milani (2022).

Joseli Silva, Marcio Ornat e Alides Chimin Junior (2019) também indicam o quanto o pensamento de Henri Lefebvre, apesar de quase sempre associado ao marxismo e a produção do espaço por meio das relações econômicas capitalistas, pode ser possível na promoção de outros caminhos teóricos e imaginativos na Geografia, pois no pensamento do

autor o espaço é político e ideológico, sendo vivenciado e diferenciado (a partir da experiência do corpo) nas múltiplas relações de poder que constituem o espaço.

Sendo assim, entendemos a partir desta influência, que o espaço pode, e deve, ser compreendido pela lógica das resistências as hegemonias por meio de distintas, múltiplas e complexas experiências corpóreas, criando assim o “espaço de existências não hegemônicas” (SILVA; ORNAT; CHIMIN JUNIOR, 2019, p. 64).

Ao pensarmos a constituição do espaço acadêmico, via produção do conhecimento e espaço de enunciação científica, consideramos o corpo generificado e racializado, como o das mulheres negras, historicamente deslegitimado de inúmeras maneiras na sociedade brasileira. Para entendermos suas trajetórias em um ambiente constituído pela colonialidade, é importante mencionar que são estabelecidas normas de vigilância e controle a determinados corpos, enquanto para outros se dá como um espaço de passabilidade, sem grandes problemas, notadamente a homens brancos, cis, héteros, cristãos e com posses.

As racialidades e o machismo, entendidas como construções da sociedade, fazem parte de todos os aspectos sociais e, portanto, o mundo científico também é permeado por elas. É necessário lembrar que a Ciência, fruto de complexas relações de poder, também evidenciará diferentes elementos que podem representar ausências e silenciamentos (SILVA, 2009a). Para Victor Pequeno (2023) é esta característica da Geografia, sendo ela por muito tempo positivista e racionalista que causa efeitos que reduzem a alteridade a sujeitas/os não espaciais, tendo em vista que notadamente a Geografia possui um corpo hegemônico, sendo ele branco, masculino, cis, heterossexual, militar, cristão e com posses.

Andrade (2013) indica que há uma dimensão espacial importante que deve ser levada em conta nas reflexões científicas que incorporam discursos que perpassam pela corporeidade, a exemplo da discussão de racialidades, pois essa espacialidade influenciará nas problemáticas levantadas, em teorias, autoras/es, disciplinas, etc, que uma determinada área científica terá acesso mais facilitado. É necessário o reconhecimento de uma Ciência “em que o sujeito indeterminado (ou universal) dá lugar ao geógrafo/a situado/a num mundo, tempo e numa cultura, que expressa uma identidade de gênero, experimenta de uma sexualidade, que deseja e é desejado/a, e que está a todo instante se constituindo enquanto ser-mundo” (PEQUENO, 2023, p. 38).

Lorena Souza e Alex Ratts (2017) apontam o papel importante da crítica feminista e antirracista que há nas dimensões do poder no âmbito das pesquisas e trabalhos concernentes a Geografia, que, a partir de modelos tradicionais tem dificultado produções reflexivas que denunciem algumas invisibilidades e ausências do discurso geográfico. Joseli

Silva, Marcio Ornat e Alides Chimin Junior (2016) apresentam tal feito a partir de uma intencionalidade, ou seja, a ausência de determinados assuntos e sujeitas/os na Geografia se dá por meio de uma escolha, da mesma forma que existe uma escolha e intencionalidade em priorizar um debate generificado, sexualizado e racializado na produção geográfica, representando conflitos em muitos momentos tendo em vista o caráter colonial e moderno da Ciência.

Eduardo Henriques (2007) indica que hoje se entende que cada fenômeno requer uma visão geográfica mais adequada que outra, visibilizando ou não, determinados elementos. Isso tem mais relação com a capacidade de conciliar ou discordar de alternativas filosóficas, ideológicas, teóricas e epistemológicas, o que dialoga com Silva, Ornat e Chimin Junior (2016) ao falarem da intencionalidade.

Joseli Silva (2009b) apresenta que inicialmente as críticas a Ciência Moderna se deram sobre seus privilégios de gênero e raça, tendo em vista que uma Ciência portadora de uma visão masculina, branca, europeia, cristã, etc, se apresenta enquanto neutra, objetiva, racional e universal. Tanto as críticas feministas quanto as críticas antirracistas não são novas na Geografia, sendo a primeira datada desde a década de 1970 (SILVA, 2009b), enquanto as críticas antirracistas podem ser encontradas na Geografia desde a década de 1980 (GUIMARÃES, 2020), ambas sendo ampliadas no decorrer da virada do século XXI.

Para Eduardo Miranda (2017) atentar as dimensões que compõe as leituras das corporalidades, como gênero, raça, idade, sexualidade, etc, incide diretamente na construção de espaços, que se dão de modos diferentes a pessoas diferentes, em especial por meio da sua corporalidade, pois não podemos dizer que não existem mulheres negras nas universidades, contudo, elas não estão majoritariamente nos espaços de produção e de divulgação científica. Seus corpos se fazem presentes no ambiente acadêmico, todavia, nos lugares mais precários, tendo em vista que:

As mulheres negras são a maioria entrando pelos fundos da universidade, para ocupar não as salas de aula, mas os banheiros com vassoura e esfregão na mão: são a maioria entre os trabalhadores terceirizados, nos piores e mais insalubres empregos, com salários miseráveis e nenhuma garantia e segurança de manutenção no emprego (MARIA, 2015, s/p).

Tal contexto é elucidativo do que Miranda (2017) compreende como corpo-território, indicando o mesmo como tensões espaciais quando pensamos em corporeidades negras que atuam no espaço acadêmico, como se tais corpos fugissem as estruturas patriarcais, capitalistas e brancocêntricas que estruturam os espaços e as relações pessoais. O corpo

para o autor é entendido como corpo-território por justamente ser um elemento central na arena de disputas sociais do consumo e organização espacial.

Ao observarmos as tensões provocadas nos espaços a partir de corpos que fogem do padrão da branquitude e eurocêntrico, entendemos a existência de um território orgânico, vivo, que visibiliza as diferenças e contradições sistêmicas ocasionadas pelas relações de poder. Pois, “as relações de poder auferem aos corpos regras e valores, sobretudo no que tange as hierarquias estabelecidas entre os subalternizados explorados pelos grupos hegemônicos (MIRANDA, 2017, p. 121).

Para Victoria Oliva, no texto intitulado *Do corpo-espaço ao corpo-território: O que a geografia feminista tem a dizer?* (2022), geo-grafar sem um corpo é desumanizar o espaço, ignorando como os marcadores corpóreos imprimem limites à mobilidade espacial de pessoas, inclusive, sendo a mobilidade e a desigualdade alguns dos aspectos mais inteligíveis para se associar o debate encarnado e a Geografia, reconhecendo a existência de espaços onde “atributos do nosso corpo nos mobilizam, assim como há lugares onde os atributos dos nossos corpos nos imobilizam” (OLIVA, 2022, p. 145).

Trazer as vozes femininas de pesquisadoras negras comprometidas com o desmantelamento da branquitude se coloca como ponto fundamental da pesquisa que contou com seis mulheres que compartilharam suas experiências. O grupo de colaboradoras tem em comum o fato de produzirem pesquisas geográficas que contemplam questões raciais de forma crítica e antirracista, se auto identificarem como negras e fazerem parte do campo das geografias negras. Para além desses pontos comuns, elas possuem estágios diferentes de formação acadêmica, bem como idades, renda, religião, parentalidade, origem espacial e histórias familiares que variam.

As entrevistas foram realizadas entre setembro e novembro de 2021, dando flexibilidade para a agenda das geógrafas, sendo dividida em três grandes momentos, um primeiro exposto a partir do quadro 01, sendo uma apresentação mais geral e interseccional na vida das seis geógrafas, como renda (classe), religião, autodeclaração de gênero, raça, sexualidade, filhos (maternidade), capacidade física, etc. Outros dois grandes momentos serão apresentados nas seções a seguir, via análise de rede do discurso de tais mulheres, onde iniciamos por um diálogo sobre suas trajetórias, e por fim, apresentamos a relação das percepções dos marcadores interseccionais de gênero e raça nas suas experiências acadêmicas.

No quadro a seguir é possível identificar algumas das características das geógrafas colaboradoras.

Quadro 1: Características gerais das geógrafas negras entrevistadas.

Nome ⁶	Acotirene	Aminata	Luiza Mahín	Zeferina	Anastacia	Dandara
Intervalo de idade	36 – 40	50 – 55	56 – 60	20 – 25	40 – 45	40 – 45
Religião	Ifaísta	Não possui	Espírita kardecista	Cristã	Candomblé	Não possui
Sexualidade	Heterossexual	Bissexual	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual
Raça	Negra	Negra	Negra	Negra	Negra	Negra
Gênero	Mulher cis	Mulher cis	Mulher cis	Mulher cis	Mulher cis	Mulher cis
Estado civil	Casada	Solteira	Casada	Solteira	União estável	União estável
Filhas/os	1	0	2	0	1	2
Região de origem	Centro-oeste	Sudeste	Norte	Norte	Sudeste	Sul
Região actual	Centro-oeste	Sudeste	Norte	Sudeste	Sudeste	Sul
Deficiência	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Trabalho	Professora do ensino superior	Professora do ensino superior e médio	Professora do ensino superior	Estudante de pós	Estudante de pós e diretora de ONG	Estudante de pós e professora do ensino médio
Renda	13.000	12.000	17.000	2.200	5.000	2.700
Nível de formação	Doutorado	Doutorado	Doutorado	Doutoranda	Doutoranda	Doutoranda
Educação superior	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública

Fonte: Entrevistas realizadas com 6 mulheres pesquisadoras negras entre setembro e novembro de 2021. **Organização:** própria.

Como podemos observar, todas as mulheres entrevistadas são negras, cis, formadas em Geografia em universidades públicas, a maioria é heterossexual, apenas uma é bissexual, e nenhuma possui deficiência, sendo essas características comuns a grande parte das entrevistadas, todavia suas trajetórias são múltiplas, demarcando também a singularidade de cada história e como foram seus trajetos na formação superior geográfica, onde 03 (três) já são docentes universitárias e outras 03 (três) estão na metade do curso de doutorado em Geografia.

Sobre a análise da renda dessas seis geógrafas negras, é possível observar que na fase de estudante, embora acompanhada de outras jornadas de trabalho, a renda é baixa quando comparada ao rendimento das docentes.

Um outro ponto que é individual da trajetória de cada uma dessas geógrafas, mas que em alguns momentos se torna uma experiência coletiva, é que quatro das seis geógrafas negras, dentre elas, as 3 professoras, precisaram sair de seus respectivos estados de origem, em algum momento, para dá continuidade em seus estudos. As 4 geógrafas saíram de seus lares, de suas cidades de origem, para cursar a pós-graduação fora, todas em

⁶ Todos os nomes são fictícios a fim de preservar o anonimato das pessoas.

científicas das geógrafas. Nesta comunidade podemos observar o quanto a raça discutida na geografia de forma afirmativa e positiva tem uma maior centralidade em suas falas, e consequentemente em seus trabalhos, se comparada a questão de gênero.

A separação das comunidades, como explicitado pela teoria, se dá a partir de relações internas do discurso, que por métricas estatísticas apresenta eixos de aproximação e de separação, o que por sua vez gera a rede apresentada. Sendo assim, temos uma nítida apresentação de como o ambiente familiar e acadêmico se conectam por signos e valores diferentes na experiência das mulheres negras.

Para complementar a rede acima, a tabela 1, organizada por grau ponderado, nos ajuda a identificar as categorias mais frequentes nos discursos das entrevistadas. Ressaltamos que as categorias foram criadas em cima dos sentidos que atribuímos a cada trecho de falas. Deste modo, observamos que as duas principais categorias que marcam suas trajetórias referem-se a ‘família’ e ‘mãe’, ambas em destaque, vide figura 3.

Tabela 1: As 30 categorias mais frequentes nos discursos.

Categoria	Grau ponderado
Família	56781
Mãe	43921
Raça na geografia sim positivo	30988
Raça na geografia sim positivo	30300
Gênero na geografia sim	26259
Racismo vivenciado	23667
Gênero na geografia sim positivo	23184
Pai	22185
Reconhecimento racial conteúdo científico	18294
Raça na geografia não	17576
Machismo vivenciado	17288
Condição financeira mãe	13667
Grupo de geógrafos/os negras/os	12780
Reconhecimento de gênero cont. científico	12645
Mobilidade estudo	12066
Rede de apoio feminina	10787
Reconhecimento racial corpo	9755
Reconhecimento racial adulta	9727
Reconhecimento racial coletivo político	9620
Grupo de geógrafas/os feministas	9274
Condição de cuidado mãe	7882
Mobilidade estudo no estado	7214
Gênero na geografia não	6994
Condição financeira	6316
Mobilidade estudo fora do estado	5712
Reconhecimento racial infância	5263
Sem reconhecimento racial	5045
Reconhecimento de gênero adulta	4788
Reconhecimento racial pela luta	4576

Fonte: Entrevistas realizadas com 6 mulheres pesquisadoras negras entre setembro e novembro de 2021.

Organização: própria.

Para entender melhor as dinâmicas entre as categorias identificadas nas entrevistas, é necessária uma análise das relações entre as categorias, o que resultará na indicação do número de vezes em que duas categorias compartilham frases ditas nas entrevistas. A categoria discursiva referente a ‘família’ estabelece as principais ligações, ou seja, possui o maior peso, o que fica evidente pela espessura das arestas, o que por sua vez significa ser uma palavra recorrentes durante as entrevistas.

Essa relação está presente, principalmente, pelas 5 principais interações entre as categorias discursivas que são: ‘família’ – ‘mãe’, ‘família’ – ‘pai’, ‘raça na geografia sim’ – ‘raça na geografia positivo’, ‘pai’ – ‘mãe’, ‘família’ – ‘condição financeira mãe’, conforme tabela 2.

Tabela 2 – As 30 principais interações entre as categorias discursivas identificadas.

Categoria	Categoria	Peso
Família	Mãe	11637
Família	Pai	5152
Raça na geografia sim	Raça na geografia sim positivo	4013
Pai	Mãe	3586
Família	Condição financeira mãe	3133
Gênero na geografia sim	Raça na geografia sim	2945
Gênero na geografia sim	Raça na geografia sim positivo	2873
Mãe	Condição financeira mãe	2658
Gênero na geografia sim positivo	Raça na geografia sim	2599
Família	Racismo vivenciado	2543
Gênero na geografia sim positivo	Raça na geografia sim positivo	2539
Gênero na geografia sim	Gênero na geografia sim positivo	2471
Mãe	Racismo vivenciado	2082
Raça na geografia sim	Raça na geografia não	2054
Família	Machismo vivenciado	2002
Raça na geografia sim positivo	Raça na geografia não	1997
Raça na geografia sim	Reconhecimento racial conteúdo científico	1952
Raça na geografia sim positivo	Reconhecimento racial conteúdo científico	1911
Família	Mobilidade estudo	1835
Família	Raça na geografia sim	1829
Família	Rede de apoio feminina	1808
Família	Raça na geografia sim positivo	1780
Família	Condição de cuidado mãe	1696
Raça na geografia sim	Racismo vivenciado	1652
Raça na geografia sim positivo	Racismo vivenciado	1602
Família	Gênero na geografia sim	1538
Mãe	Condição de cuidado mãe	1537
Gênero na geografia sim	Raça na geografia não	1504
Mãe	Rede de apoio feminina	1487

Fonte: Entrevistas realizadas com 6 mulheres pesquisadoras negras entre setembro e novembro de 2021. **Organização:** própria.

Estas mulheres possuem trajetórias singulares, narradas a partir de suas memórias que também acabam por ter pontos comuns, produzindo experiências coletivas. Desta forma, reconhecemos a importância de pensar as especificidades de experiências corporais que se

dão no e pelo espaço. O fato de o corpo possuir, quase sempre, um gênero, assim como sexualidade, idade, porte físico e mental é o suficiente para se criar espaços acolhedores e espaços de antipatia para determinados grupos sociais, aqui identificados a partir das experiências de geógrafas negras.

3. REDES DE AFETOS E AS TRAJETÓRIAS DE CONSTITUIÇÃO DE CIENTISTAS NEGRAS NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Nesta seção apresentamos o resultado encontrado a partir dos pontos de maior convergência no conteúdo discursivo das seis geógrafas. Para tanto, a partir dos sentidos mais evidentes na narrativa das entrevistadas, foram geradas comunidades discursivas com sentido atribuídos por nós, neste primeiro caso, indicando uma rede de afeto majoritariamente feminina e em torno das relações familiares como apoio para a constituição das suas formações superiores.

Sendo assim, apresentamos trechos das entrevistas que evidenciem as relações aqui apresentadas, mas além do conteúdo discursivo em si, redes de análise de conteúdo visibilizam a relações mais significativas, porém de forma estatística. Tal intuito se dá com a proposta do reconhecimento, legitimação e divulgação de suas narrativas e ideias, em especial na Geografia, tendo em vista a resistência a incorporação de um debate feminista, antirracista e encarnado.

Os pontos da comunidade discursiva 1, apresentados na figura a seguir, são trabalhados de forma a elucidar os aspectos de uma trajetória fortemente marcada por relações de afeto a partir das memórias familiares, seja na construção coletiva ou na individualidade, influenciando suas possibilidades e sonhos. Sendo assim, apresentamos as principais ligações (ou as arestas mais importantes) das falas das geógrafas negras dentro do que consideramos como comunidade discursiva ligada aos afetos.

As categorias que serão expostas dizem respeito a: 'família', 'mãe', 'pai', 'condição financeira mãe', 'rede de apoio feminina' e 'mobilidade estudo'. Correspondendo as seis categorias com maiores interações dentro da comunidade sobre trajetória ligada aos afetos, e afetos em especial ligado ao ambiente familiar, ainda que em suas falas outras mulheres relacionadas a afetos também figurem em suas memórias, as mais repetidas dizem respeito a um afeto feminino familiar.

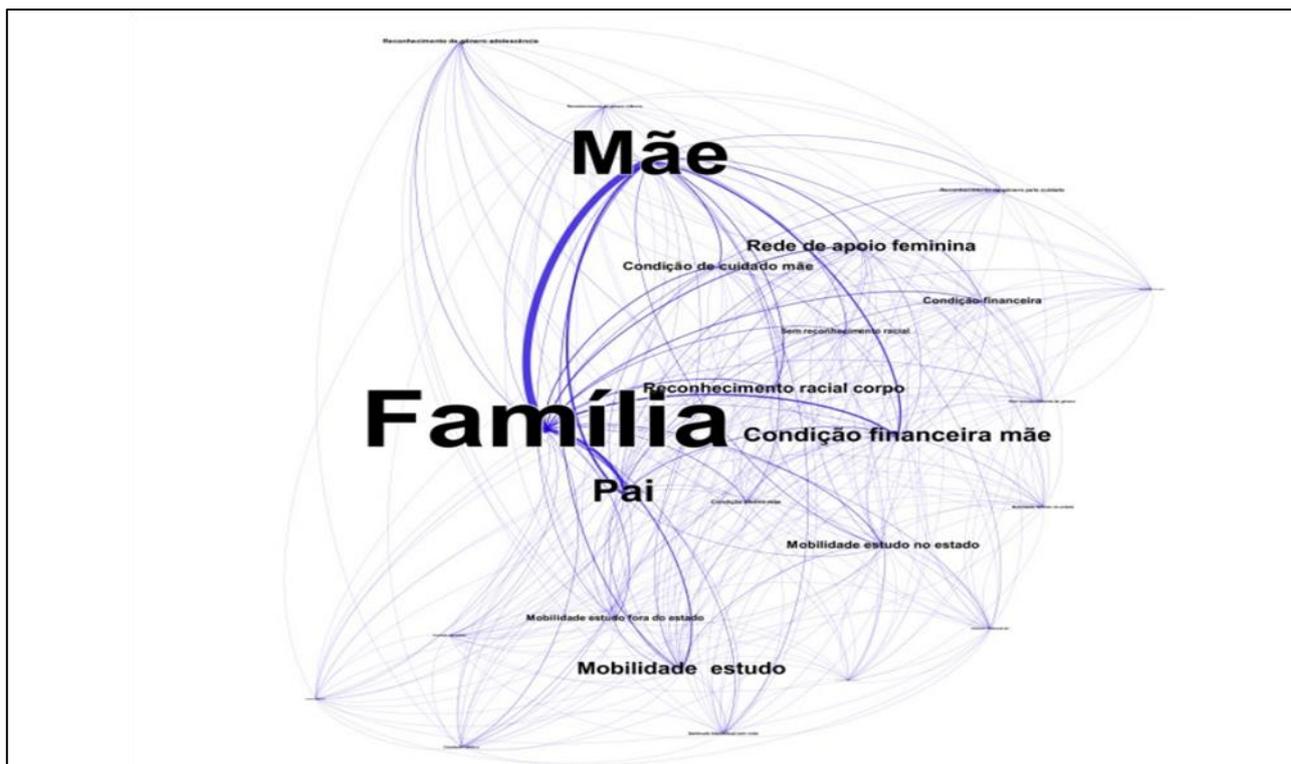


Figura 4 – Comunidade discursiva ligada aos afetos.

Fonte: Entrevistas realizadas com 6 mulheres pesquisadoras negras entre setembro e novembro de 2021.

Organização: própria.

Iniciamos a análise conjunta (via frequência discursiva vista nas redes e dos trechos transcritos das entrevistas) pela categoria ‘família’, que se mostra como a mais importante ligação na comunidade afetiva, para tanto, apresentamos o trecho de 4 entrevistas, sendo 2 professoras e 2 doutorandas:

Eu só me dedicava aos estudos mesmo, como eu sou a caçula então eu tive esse privilégio, das minhas irmãs trabalharem, e hoje eu sempre gosto de lembrar isso né, que tudo que eu almejei com relação aos estudos, eu consegui porque eu tive uma família que me desse muito apoio. Meu pai saiu do campo também para que a gente conseguisse continuar os estudos, porque na cidade pequena que a gente estava não tinha ensino médio, então ele achou que a gente deveria sair da roça para ter mais condição. A minha irmã mais velha já teve que ficar um período morando com a minha tia na cidade, para poder fazer o final do ensino fundamental, e foi um período muito ruim, muito traumático né, meu pai e minha mãe sempre foram muito protecionistas, gostavam da gente tá junto. Quando chegou o momento de eu começar essas outras fases do ensino fundamental, e não tinha mais, aí nós fomos para cidade de vez né, e aí meu pai começou a fazer bico, de vender alho aqui na cidade, que era uma tradição, muitos vendedores ambulantes de alho, de réstia de alho, e também vendeu milho-verde (Fala de Acotirene, 2021).

Eu acho que família é tudo, como eu disse, depois que a gente se torna adulta algumas coisa são tão mais nítidas pra gente, então eu penso que eu sou o que sou hoje por causa da minha família, é por conta do que foi o meu pai, de todos os sacrifícios que ele passou, de tudo que ele viveu, de todas as privações que a minha mãe também viveu, então eu acho assim que eu sou o que eu sou hoje principalmente pelo meu pai e minha mãe (Fala de Aminata, 2021).

No ensino médio eu já estava muito ciente de que deveria buscar meios de me capacitar para tentar entrar em uma universidade pública. Isso foi muito precoce pra mim, eu não sei explicar por que, talvez eu saiba na verdade né, pela situação financeira da minha família, e eu já entendia que esse era o meio de conseguir alguma coisa, uma melhoria. Então eu fui atrás de uma escola que nesse tempo era vinculada com a religião que eu frequentava, que é a da igreja adventista, e eu fui atrás da escola adventista pra ver se eu conseguia alguma bolsa de estudo. Eu mesma fui atrás, e aí me disseram que tinha como, eu lembro que eu peguei um bocado de papel e eu fui na minha mãe, que já trabalhava o dia inteiro e não tinha tempo pra ver isso, ela trabalhava em comércio, era muito corrido pra ela. E aí eu falei 'mãe, tem essa possibilidade aqui de eu conseguir estudar o ensino médio nessa escola, eu acho que vai ser melhor, é uma escola particular, vou ter uma maior atenção na minha formação' (Fala de Zeferina, 2021).

O ponto é incentivar né, minha mãe fez de tudo para que eu e meu irmão só estudasse, até o ensino médio. E sempre em escolas boas, particulares e com bolsa. Ela dizia que o nosso dever era estudar pra ser alguém, o que me permitiu poder focar e criar esse gosto pelo estudo (Fala de Anastácia, 2021).

Como nenhuma categoria está sozinha, nos trechos acima, sobre a importância da família, já podemos observar algumas relações como a 'mobilidade para estudo' presente na fala de Acotirene, e a presença do pai nessa situação. Já na fala de Aminata vemos a importância conjunta da figura da mãe e do pai, sobretudo no que diz respeito ao incentivo ao estudo. Na fala de Zeferina vemos a centralidade da educação como uma mudança social e não apenas para a pessoa em si, mas também para a família, sendo a mãe a figura mais importante, representando a condição financeira, de cuidado e a própria rede de afeto e de apoio feminino. Por fim, Anastácia também se refere a sua mãe como figura provedora e de sustentação familiar que vê na educação a possibilidade de melhoria e transformação em suas realidades.

Zenaira Santos (2020) identifica a relevância dos estudos na vida de mulheres negras, quando muitas delas são a primeira geração de suas famílias a entrarem na universidade pública. Ela indica que esta oportunidade é mais do que uma realização pessoal, sendo também um vislumbre de possibilidade de ascensão social para sua família, marcando assim "uma perspectiva de mobilidade social intergeracional, que perpassa diferentes gerações da mesma família facilmente percebida ao verificarmos a escolaridade de somente três gerações" (p. 57 – 58).

Nas entrevistas realizadas identificamos que as seis geógrafas negras, em diferentes espacialidade e temporalidades, foram as primeiras da sua chamada 'família nuclear' (neste caso, mãe, pai e irmãs/ãos) a entrarem em universidades. Em três casos, refletindo sobre a concepção de família ampla, ao pensarem em primas/os de segundo e terceiro grau, elas foram a segunda ou terceira pessoa a entrarem na universidade.

Quando refletimos sobre suas trajetórias, seja por meio da literatura científica aqui utilizada e por meio das próprias falas, notamos esse repetido esforço de romper com imaginários que eram socialmente impostos a tais mulheres. Contudo, isso não se dá a partir da ideia que ‘mulher negra é forte e aguenta tudo’, e sim pela responsabilidade que tais mulheres apresentam em seus contextos familiares.

Ser a primeira da família nuclear a entrar na universidade é um peso muito forte, pois “ser a primeira a entrar na universidade cansa, ser a primeira e única negra nos espaços acadêmicos também cansa” (Fala de Aminata, em entrevista concedida em outubro de 2021).

Em outro trecho, dessa vez da entrevista com a professora Luiza Mahín, a mesma nos fala sobre a ideia da importância da educação, sobre seguir os estudos na pós-graduação, no relato que segue:

Eu fui a primeira da minha família a entrar na universidade, e a primeira também a ter título de mestra e doutora! Meu pai era seringueiro e ele entendia a importância do estudo, eu lembro que quando eu terminei o doutorado, eu não sei como é que ele absorveu isso, mas ele andou 17 km para fazer uma ligação para mim, me dar os parabéns pelo título de doutora! (Fala de Luiza Mahín, 2021).

Pensando nas principais relações da categoria ‘família’, temos ‘mãe’ se ligando a ‘condição financeira mãe’. Trazemos exemplos a partir de alguns trechos:

O meu pai não é vivo, ele é falecido desde os meus 10 anos, mas a minha mãe foi essa grande base. Primeiro financeiro, lógico, mas também emocional (Fala de Zeferina, 2021).

Um tempo depois minha mãe fez enfermagem, incentivada a continuar os estudos pela patroa dela, porque ela era empregada doméstica, aí passou em um concurso para o Hospital Municipal, como auxiliar de enfermagem, mas minha mãe queria mais, e aí eu e meu irmão ficamos com nossa avó, porque ela se separou do meu pai, aí a gente ficava na Penha e minha mãe ajudava minha avó financeiramente, até que ela faz concurso pra rede federal e passa, a minha mãe vira funcionária federal (Fala de Anastácia, 2021).

Já a rede de apoio feminina se dá majoritariamente em âmbito familiar, sobretudo a partir da figura da mãe, da avó e da irmã, mas também se dá fora desse contexto, com ligações em distintos ambientes, a começar por professoras do ensino básico que serviram de inspiração para a continuidade nos estudos, mas também, além da educação básica, outras figuras femininas compõem essa rede de solidariedade, em especial amigas durante a vivência acadêmica. Nem sempre as mulheres retratadas são do mundo acadêmico, às vezes são moradoras nativas das cidades para onde essas geógrafas precisaram mudar,

bem como mulheres servidoras das universidades, sobretudo outras mulheres negras que trabalham com limpeza nesse ambiente.

Nos relatos a seguir é possível vermos como as trajetórias das seis geógrafas aqui entrevistadas se dão partir de uma coletividade feminina como pessoas negras em distintos espaços e tempos. Tal vivência é marcada desde a infância em uma relação familiar, contudo, na vida universitária essa rede se expande a outros meios, com novas pessoas, mas de forma especial com outras mulheres negras que compartilham experiências distintas e comuns no mesmo espaço.

Então foi quando eu consegui me ver e me compreender como negra, como mulher, tiveram amigas muito importantes também, que me ajudaram nesse processo, poucas mas tiveram (Fala de Acotirene, 2021).

Então, eu acho que tem muita coisa que eu guardo de muito difícil do meu doutorado, mas o que foi também maravilhoso, foi o fato de eu estar em Salvador e eu fazer amigas para a vida toda, eu tenho amigas que não eram amigas do doutorado, mas que eram amigas que eu conheci na cidade de Salvador e que são assim queridas, queridas e muito queridas (...) E aí foi uma das cenas mais lindas que eu vi na vida acadêmica no doutorado, porque quando eu cheguei tinha um mutirão de mulheres negras, as terceirizadas, limpando o auditório para mim, que quando elas disseram que era minha defesa elas falaram “não, imagina, eu não sabia que o nome dela era Aminata, aquela que passa por aqui que fala com a gente, que brinca, dá abraço... pera aí” e aí elas fizeram mutirão para limpar o auditório, foi uma coisa super linda ter visto aquilo, depois vieram minhas amigas trazendo comidas e montamos uma mesa! Então vivi esse espaço com pessoas que não eram da academia em si, mas que eram da cidade (Fala de Aminata, 2021).

Sim, eu tinha uma amiga que passou pelo processo de transição capilar comigo, de se entender enquanto mulher negra, e foi muito importante pra mim, principalmente por ela ser uma mulher negra de pele retinta (Fala de Zeferina, 2021).

Com os relatos expostos nesta seção verificamos que mesmo a academia sendo um espaço contraditório, a inserção dessas mulheres no universo científico ampliou seu reconhecimento e consciência racial, do mesmo modo que modificou diversos relacionamentos a partir de um novo mundo conhecido. A universidade muitas vezes amplia horizontes políticos, de posicionamentos sociais, de afetividades, etc, fazendo com que a formação das geógrafas negras seja educacional, social e encarnada. Esse aspecto reverbera em Patrícia Hill Collins (2017) quando afirma que em instituições de ensino superior, as mulheres negras costumam ser consideradas como objetos de estudo, criando uma falsa dicotomia entre pesquisa acadêmica e ativismo, entre pensar e fazer.

Vale destacar que essa coletividade, ainda que entre pessoas negras, não se faz apenas entre professoras/es e estudantes no espaço acadêmico, esse apoio e afeto vinham também de técnicas e terceirizadas no serviço de limpeza da universidade, o que nos mostra a amplitude do olhar dessa rede tão importante na trajetória das mulheres negras, além de

em muitos relatos a experiência de uma rede de apoio também se encontrar além dos muros da universidade, a partir de amizades da própria cidade, tendo em vista que majoritariamente o processo de vivência dessas mulheres se dá por uma mobilidade nacional, fazendo com que parte do seu processo formativo seja em outras regiões.

Foi durante o processo universitário, em especial na graduação e no mestrado, que muitas das nossas entrevistadas nos relatam o seu processo de reconhecimento racial, tendo em vista que foi na universidade que tiveram a compreensão política do que é ser uma mulher negra naquele espaço. Um outro ponto relatado por muitas delas coincidindo com a centralidade desta categoria é em relação com o 'cabelo'. Na fase de formação dessas geógrafas elas passaram a 'assumir' seus cabelos, deixando-os de forma natural e não mais recorrendo ao alisamento.

Tais experiências corporificadas são marcantes e muito fortes na vivência de qualquer pessoa, são histórias que carregam emoções, memórias dolorosas e de liberdade, peso esse que é sentido não apenas de forma individual, mas que também ecoa como um grito de guerra e resistência por todas as suas ancestrais.

Ainda que cada uma tenha relatado sobre suas experiências que são individuais, por questões estruturais, causadas pelo racismo e pelo machismo, há pontos de convergência como a violência de gênero e raça, bem como suas estratégias de luta e resistência.

4. VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E A IDENTIFICAÇÃO DO CORPO GENERIFICADO E RACIALIZADO

Nesta última seção apresentaremos questões específicas ligadas ao gênero e a raça em suas experiências na universidade, seja enquanto estudantes ou enquanto professoras. Tal análise continuará sendo por meio de trechos das entrevistas que nos ajudem a elucidar as ligações mais intensas das redes a partir de seus discursos.

Em uma relação de teoria e análise dos dados por frequência evocativa observamos como a trajetória das geógrafas negras colaboradoras deste trabalho também nos apresentam a complexa vivência no espaço da universidade, sobretudo na construção enquanto uma pesquisadora. A seguir, na figura 5 podemos observar a comunidade discursiva relativa a vivência acadêmica corporificada, em especial por gênero e raça.

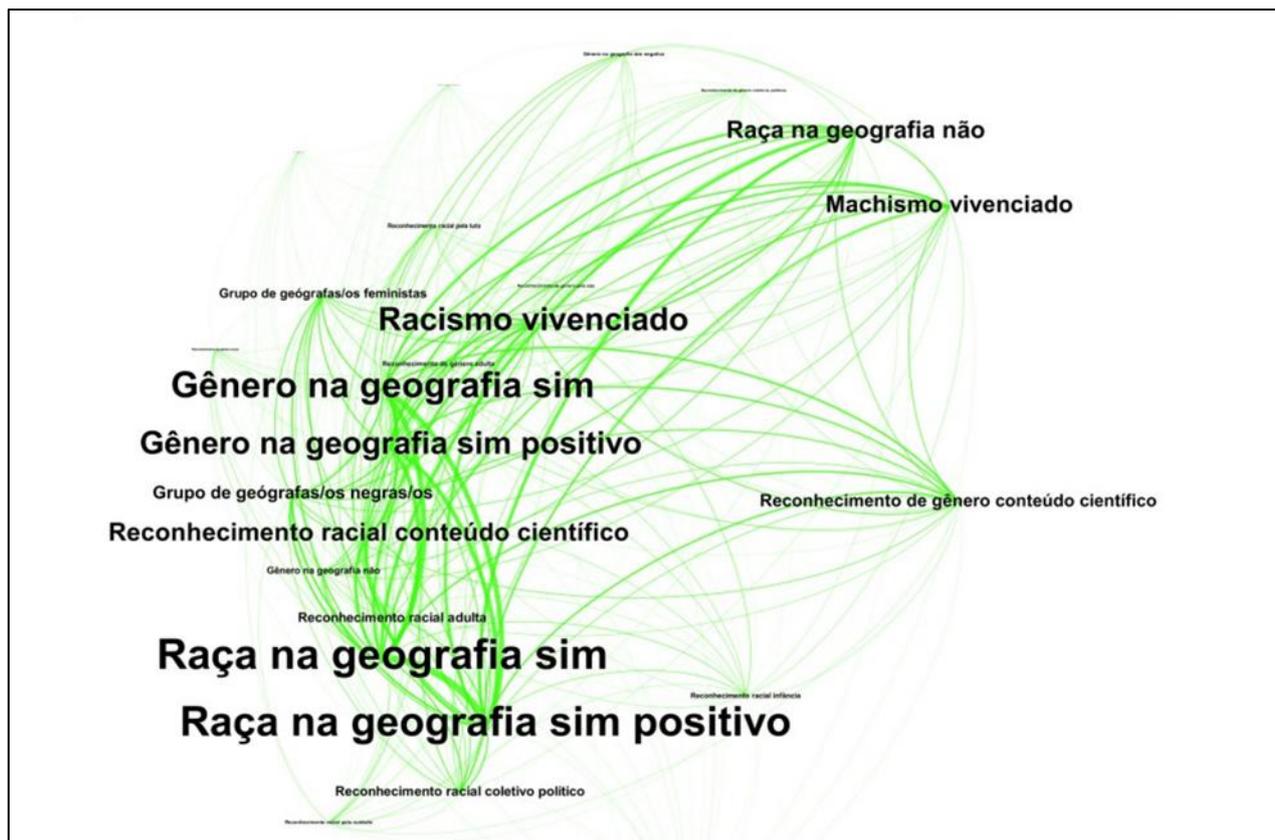


Figura 5 – Comunidade discursiva ligada a vivência acadêmica corporificada

Fonte: Entrevistas realizadas com 6 mulheres pesquisadoras negras entre setembro e novembro de 2021.

Organização: própria.

Esta comunidade também diz respeito aos relatos das trajetórias de tais geógrafas, contudo, seu centro de ligação se dá a partir das experiências provocadas via espaço acadêmico no que se refere as questões raciais e de gênero. O espaço acadêmico aqui é apresentado não necessariamente apenas na sala de aula, mas no convívio e nas possibilidades as quais foram expostas por estarem vinculadas a geografia, seja enquanto estudantes na graduação e na pós-graduação ou enquanto professoras universitárias.

Na figura acima podemos observar que as arestas de maior interação são as categorias identificadas como: ‘raça na geografia sim’, ‘raça na geografia sim positivo’, ‘gênero na geografia sim’, ‘gênero na geografia sim positivo’, ‘grupo de geógrafas/os negras/os’, ‘reconhecimento racial científico’, ‘racismo vivenciado’ e ‘machismo vivenciado’, tendo em vista que neste bloco de entrevista as perguntas foram mais direcionadas a dimensão generificada das suas experiências como mulheres negras.

Para tanto, iniciamos pela relação das percepções das colaboradoras sobre o seu consumo espacial, trazendo relatos transpassados pelas estruturas racista e machista em suas trajetórias, ainda que no ambiente acadêmico, onde temos:

Acho que foi um momento de muitas, muitas e muitas descobertas, inúmeras descobertas, até porque eu entrei muito nova, hoje eu vejo as meninas de 18 anos e vejo como eu era boba! Então foi um espaço de muitas descobertas, não só as descobertas do conhecimento acadêmico da geografia, mas de conhecimentos do mundo mesmo. Eu me relacionei com muitas pessoas diferentes, e eu não tinha, quando eu entrei, a dimensão do que era uma universidade, como eu te falei, eu fui ali fazer a inscrição porque eu queria faltar ao trabalho. Quando eu cheguei ali, eu acho que isso de alguma forma me facilitou, de eu não ter determinados bloqueios e medos. Se bem que eu lembro de uma coisa patética que eu vivi com uma amiga, a gente fazia curso de inglês na Cultura Inglesa, em Madureira, e aí eu passei para geografia e ela passou para biologia, e quando a gente chegou, na minha época era muito diferente de agora, era de fato muito elitizado, e a gente achava que as pessoas não iam entender o que a gente falava, mas olha que lembrança interessante agora... A gente ficava andando com o dicionário para qualquer coisa dá pra entender, cheia de medo, a gente achou que a gente não sabia falar, foi assustador o mundo acadêmico, mas eu acho que foi menos pior eu não saber onde estava entrando (Fala de Aminata, 2021).

Eu já tinha estabilidade pelo concurso de técnica da universidade, e quando passei para o mestrado eu precisei entrar com um processo de afastamento para um ano. Eu pedi um ano, que era o tempo que eu fazia disciplina e tudo mais, aí o reitor da época disse: “nunca aconteceu um caso desse, de um técnico administrativo pedir para fazer mestrado, mas eu sei que você é esforçada, eu sei que se você entrar na justiça você ganha, porque é um direito seu, mas eu não posso fazer uma portaria com esse pedido, eu posso fazer uma portaria para você para acompanhar seu marido, que está lá na pós-graduação”. Eu disse: “não, eu não quero uma portaria para acompanhar meu marido, quero uma portaria porque eu passei no processo de seleção, eu não to indo acompanhar ele”, aí ele ficou irado e negou. Eu entrei com recurso aí ele pediu para um assessor dele conversar comigo, para eu aceitar a primeira proposta, mas eu bati o pé e disse que iria entrar com todos os meus recursos porque eu passei no programa de pós-graduação, eu não passei para acompanhar meu marido, passei no processo seletivo (Fala de Luiza Mahín, 2021).

A universidade foi boa pra mim, eu tive um despertar, a nível teórico mesmo, de pensar sobre a violência epistêmica, mas enquanto eu não tinha esse despertar, a universidade foi crucial, porque eu entrei muito cedo, então o meu descobrimento como mulher negra foi na universidade, a partir dos movimentos estudantis, desses espaços que a universidade fornece para pensar, mas além da militância, outros espaços formativos, como ir a uma palestra do curso de história da África e achar muita massa, e pensar: “nossa, não vi isso no ensino médio”. Era viver a universidade, e eu vivi muito a universidade, principalmente nesses anos em que fui bolsista, eu participava de todos os eventos, ia para eventos fora, eu vivi tudo que eu podia viver, então foi um grande momento de formação, não só para a geografia, mas para minha vida e com certeza tem as experiências ruins também. Eu lembro muito de um professor que falava que a gente ia ter que sofrer muito para poder conseguir alguma coisa, eu discutia muito com ele, porque ele colocava a gente em um lugar menor, parecia que os meninos tinham mais capacidade para entender a disciplina dele, que era de solos, do que a gente que era menina (Fala de Zeferina, 2021).

Foi um espaço muito duro para mim, aquele sonho que eu tinha foi quebrado, eu precisei sair para dar o valor devido, apesar de ter sido um espaço muito duro para mim, eu não posso reclamar porque quando eu precisei de bolsas de pesquisa, eu consegui. Mas também teve o caso da coordenadora da geografia, que era uma mulher preta, mas quando eu ia falar com ela sobre racismo ela dizia que era coisa da minha cabeça, era uma parada punk minha irmã, essa foi uma relação muito difícil pra mim, era muito louco porque ao mesmo tempo que via ela como uma referência, ela era uma pessoa vazia, e aí era um homem branco que falava o que eu queria ouvir, que era o professor Fred. Outra questão é que a minha bolsa de pesquisa necessitava que eu estivesse vinculada a um grupo de pesquisa, e o grupo era de geografia física, só tinha meninos brancos, isso causou algumas situações tensas por ser a única mulher preta de lá (Fala de Anastácia, 2021).

Como verificado em Érica Silva (2019), a trajetória de muitas mulheres negras se marca por aspectos inter-relacionados que se constituem enquanto obstáculos para que se tornem docentes em nível superior. Todavia, a trajetória científica das seis geógrafas negras entrevistadas, nos indica aspectos de estratégias para que as suas narrativas afirmativas, críticas e antirracistas sejam possíveis de existirem no espaço científico.

Isso se dá inicialmente por um reconhecimento político que as coloca em uma posição ativa sobre si e sobre uma comunidade, neste caso, a comunidade negra que é múltipla. Ao perguntarmos sobre como seu deu o contato inicial com a discussão racial, por meio da academia, temos o exposto a seguir:

O contato com as discussões raciais eu tive no segundo ano de graduação com o professor “nome ocultado”, ele trabalhava alguma disciplina de teoria da região e regionalização e foi o meu primeiro contato, então não tinha nenhuma disciplina específica na matriz curricular sobre isso, mas o “nome ocultado” fazia essa menção, ele discutia regionalidades a partir das construções identitárias, foi meu primeiro contato, e depois mais para o final da graduação teve uma disciplina de geografia do Brasil, alguma coisa assim, foi discutido sobre a formação da sociedade brasileira, mas o que me marcou nessa disciplina foi ter lido um pedaço de Darcy Ribeiro sobre o povo brasileiro e só (Fala de Acotirene, 2021).

Esse contato eu tive apenas no doutorado, mas não pela geografia, mas porque no doutorado você pode tentar disciplinas de outros departamentos, então como estava na UFBA, eu fiz as disciplinas da geografia, que nenhuma tocava nem de longe nas questões raciais, e fiz sobre questões raciais no CEAO, que é o Centro de Estudos Afro Orientais, agora não sei de qual departamento que ele é vinculado, não sei se é das ciências sociais. Aí eu fiz a disciplina de literatura e questões raciais, com a professora Florentina, eu tinha um sonho de estudar com essa professora. E fiz mais algumas outras disciplinas por lá, fiz uma sobre a escola de Chicago, essas coisas. Fiz umas duas ou três disciplinas que eu escolhi que não eram dadas pela geografia (Fala de Aminata, 2021).

Dentro da geografia eu não tive essa discussão. A única coisa diferente que eu li, mas não dentro de um corpo de uma disciplina, foi com a minha orientadora do mestrado, que ela tinha um olhar para as mulheres na época. Se eu tivesse acesso a esse tipo de trabalho tinha despertado muito cedo para essas questões, então demorou muito, muito para entender, falar sobre racialidade, acho que não tinha nem texto pra isso né. Por exemplo, Milton Santos, eu o conheci! Ia pra sala dele, descia aquelas rampas lá com ele, mas ele não falava de racialidade, ele discutia a questão da pobreza, da desigualdade, e pode ser, que ali, a gente entendesse que ele estava falando de racialidade, mas não tava escrito, não tava estampado tipo: “nós vamos ter uma aula sobre a condição do negro no Brasil”, não tinha isso, eu não lembro disso no meu mestrado, não lembro disso no doutorado, e poucas lembranças de evento da geografia que falavam das questões de gênero e racialidade, que não coisas muito recentes (Fala de Luiza Mahín, 2021).

Eu comecei a ter esse contato não pela geografia em si, e sim pelo PIBID, no meu primeiro ano da graduação. Mas lembro disso negativamente, eu lembro de alguns momentos de questionamentos em relação ao que a gente desenvolvia, até mesmo no PIBID. Que era essa ideia de pensar as relações etnicorraciais como não sendo coisa da geografia. E isso começou a ser algo negativo pra mim porque começou a me dar a ideia do não lugar na pesquisa. Pensando em currículo, o currículo do do curso de licenciatura da UFT, no meu período, não apresentava disciplina sobre questões etnicorraciais, nada institucionalizado assim. As discussões sobre questões etnicorraciais que eu me deparei foram de forma externa, eram palestras, oficinas,

minicursos de eventos, coisas que a minha orientadora pontuava, coisas que uma ou outra pessoa trazia, mas infelizmente não houve essa discussão (Fala de Zeferina, 2021).

E agora eu também lembrei de um evento, e que foi assim, um divisor de águas para mim, quando eu tava estudando para o mestrado, já tava formada, e em 2013 foi meu primeiro congresso de pesquisadoras/es negroas/os, o meu primeiro COPENE, e foi o primeiro da região sul, em Pelotas. Porque tipo assim ó, foi o primeiro congresso onde eu fui e eu não era praticamente a única negra, ou não tinha só um pesquisador negro, ou todos os negros se juntavam para uma mesa, era um evento negro, a maioria de nós, que foi nesse evento, hoje estamos na pós-graduação (Fala de Dandara, 2021).

Verificamos com estes relatos como o contato com a discussão racial na geografia, em especial uma discussão racial crítica e antirracista, se dá por uma intencionalidade, por uma nítida posição política, seja das/os professora/es que apresentam essa discussão em sala de aula e em suas orientações, ou seja em relação as próprias entrevistadas que precisaram ir atrás desse contato.

A busca por um desenvolvimento racial crítico e antirracista na geografia nos leva a entender a importância da mobilidade para estudo, dessa vez não mais pautada pela família, mas sim por escolhas próprias, que as levaram a mudar de instituição e muitas das vezes de estado, para então se aproximarem de professoras/es que estimulassem, ou que ao menos aceitassem, o debate racial crítico na geografia.

Outro ponto importante proveniente da busca individual de cada geógrafa sobre a questão racial, se interliga novamente a importância do nó 'nós_pessoas_negras', onde outros espaços da universidade e de outros cursos passam a ser acessado, tendo em vista as novas redes de apoio, de afeto, de acolhimento e de estímulo que são construídas neste caminho como estudantes.

Sendo assim, podemos afirmar que o debate racial na geografia, ainda que presente para todas as nossas entrevistadas, sobretudo a partir da pós-graduação, se dá de forma escassa e não antirracista na geografia. Muitas dessas experiências com o debate racial se deram de forma estratégica e por uma nítida intenção, por uma demanda apresentada pelas próprias geógrafas, que a partir do seu reconhecimento racial crítico, entendem que não precisam separar tais experiências de suas análises geográficas, o que por sua vez reflete nos conteúdos trabalhados pelas mesmas, vide próximos relatos:

Na sexta-feira eu conversei com uma turma de estágio do professor "nome ocultado" da UFRJ e com o professor "nome ocultado", aí eu vim aqui trazendo a discussão de como trabalhar a perspectiva de uma educação antirracista, então eu gosto de trabalhar primeiro a questão teórica e depois eu dei exemplos, que eu mostrei pra eles a aula que eu tinha dado nesta semana para a uma turma do 2º ano, que eu falava de paisagem, de transformação da paisagem natural-campo, do campo para a cidade, eu queria falar disso, e fui para em Gana, falando dos panos africanos, dos adinkras, foi

muita curtição aquilo! Partindo das cores, para conseguir fazer um gancho para chegar em Gana, de ir a África e voltar, eu costumo dizer que minha construção possui africanidades, a minha construção não é afrocentrada, ela possui africanidades, porque pra ser afrocentrado eu teria que trabalhar o tempo todo com África, e eu não faço isso, eu faço várias viagens, eu vou lá, eu me alimento e eu volto, porque a minha discussão é diaspórica, agora não tem como discutir diáspora negra se não entender de África (Fala de Aminata, 2021).

E aí nesse período também, de aulas e doutorado, eu fui tentando puxar um pouco a sardinha para tentar continuar a discussão de gênero e raça né, porque eu já tinha feito isso, mestrado com as professoras negras, e aí eu sabia que eu queria estudar isso, mas não sabia como, mas eu queria estudar (Fala de Acotirene, 2021).

Na graduação foi a partir das pesquisas que eu precisava fazer pela bolsa de pesquisa, aí eu fiz o trabalho na geografia contemporânea com a professora “nome ocultado”, falei sobre a economia do funk, e a partir dessas estratégias eu ia falando da questão racial né, estratégias para sobreviver no momento, não tinha como falar de raça como se fala hoje (Fala de Anastácia, 2021).

Foi no meu TCC que isso começou a ser aprofundando, e foi muito natural, fui em um trabalho de campo sobre os territórios negros na Porto Alegre, coisa que eu não conhecia, e no dia seguinte acordei, abri o olho, tomei café, abri o computador e tipo assim: “territórios negros em Porto Alegre”, daí só foi (Fala de Dandara, 2021).

Assim como as principais ligações que conectam as comunidades discursivas relativas à vivência acadêmica corporificada, percebemos que a questão racial, seja na Geografia ou na vida pessoas das colaboradoras, possui um destaque maior do que se comparada a questão de gênero. Alguns trechos nos ajudam a elucidar tal aspecto:

Eu trabalho raça e questões urbanas, um pouco de gênero também (Fala de Dandara, 2021).

Na pesquisa eu acho que as questões raciais me marcam mais, apesar do meu TCC ter sido mais voltado para as questões de gênero (Fala de Zeferina, 2021).

Então, a dimensão racial ela existe, ela faz parte disso, assim como a dimensão de gênero também, mas a dimensão racial ela faz parte porque o mundo é racializado, eu não tenho como pensar esse mundo sem isso, e essa história não se fez num vácuo, ela se fez em um espaço geográfico (Fala de Aminata, 2021).

Eu acho que o que é mais forte em mim, que eu falo o tempo todo né, é o fato de ser mulher negra, é importante pra mim (Fala de Acotirene, 2021).

Com isso, ilustramos com base nas falas de nossas colaboradoras em diálogo com a literatura científica e com os resultados encontrados via redes, que tem sido as experiências formadoras das trajetórias identitárias enquanto mulheres, geógrafas e negras. Constatamos a importância da educação pública, gratuita e de qualidade para esse reconhecimento político e crítico.

As entrevistas realizadas com as seis geógrafas negras em diferentes instituições, regiões e contextos profissionais nos mostram trajetórias que são específicas por meio da vivência de cada uma delas, e mesmo o resultado sendo positivo em relação as discussões

de gênero e raça na Geografia, não podemos tomar este resultado como representante para as múltiplas experiências na Geografia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos permitiu enxergar que as trajetórias das geógrafas negras se dão por uma coletividade de pessoas negras, em uma rede afetiva familiar e não familiar, que estimulam, por uma retroalimentação, a demanda de seus corpos e vozes para se tornarem sujeitas políticas visíveis nos espaços, em especial aqui analisado a partir do espaço de enunciação e formação científica.

Nos significados de suas experiências e em suas próprias práticas, podemos indicar que há uma diferença existencial e epistemológica que parte da intencionalidade das/os pesquisadoras/es, entre quem pesquisa e desenvolve trabalhos sobre 'racialidades na geografia' e sobre quem pesquisa e produz nas chamadas geografias negras, atentando ao fato que o primeiro campo temático não humaniza e corporifica o seu debate, enquanto as geografias negras intencionalmente o fazem.

As geógrafas negras colaboradoras deste trabalho argumentaram que suas famílias tiveram importância nas suas oportunidades de estudos, sendo a mãe a principal figura familiar, bem como apontam que a Geografia, conhecida por elas, teve apenas abordagens pontuais sobre raça e gênero durante a graduação, lembrando que essa abordagem pontual também se deu sobre uma nítida intencionalidade das/os professoras/es, tendo em vista que a própria estrutura curricular não incentiva o debate, em especial o debate crítico sobre tais temáticas.

Tal aspecto é um dos principais motivos da mobilidade para estudo durante a vida adulta, pois é com tal intuito que as geógrafas migram de instituição, e muitas vezes até de região, para concluírem suas formações, ao longo da pós-graduação, almejando o contato com grupos de pesquisas e orientadoras/es que possam trazer o aprofundamento, muitas vezes não possível durante a graduação, ou simplesmente que aceitem o desenvolvimento de pesquisas antirracistas e generificadas na Geografia.

Finalizamos indicando a importância da maior divulgação das geografias encarnadas, tendo em vista que trabalhos que falam de gênero e raça na Geografia já são amplamente apresentados, vide a clássica geografia da população que nos mostra divisões por gênero, assim como a história do pensamento geográfico, ou epistemologia da Geografia, que também apresenta uma visão racial do espaço, entretanto, nenhuma dessas abordagens é reconhecida a partir de uma perspectiva crítica corporificada.

Com isto, reconhecemos e almejamos uma ciência crítica e corporificada, não apenas em uma perspectiva teórica, mas sobretudo e igualmente importante na prática, não tratando sujeitas e sujeitos marginalizadas e marginalizados como objeto de pesquisa, mas sim como agentes ativos do conhecimento, em um troca de saberes, neste caso entre o científico e o cotidiano.

Apesar do avanço das questões raciais e feministas na geografia brasileira, muitas pessoas e instituições ainda colocam tal debate em um lugar secundário ou de difícil raciocínio geográfico, todavia, a partir de uma exemplificação espacial de consumo e organização do espaço, buscamos contribuir para o reconhecimento e consolidação das análises interseccionais na geografia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. El cuerpo y las ciencias sociales: tres regiones científicas. IN: AGUIAR, M.; VILLAGRÁN, P. (Orgs). **Cuerpos, espacios y emociones: Aproximaciones desde las ciencias sociales**. México, 2013, p. 55–84.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Editora Persona, Edições 70, 2016. 288p.

COLLINS, P. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 6–17, 2017.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223–244, 1984.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, v. 9, p. 133–141, 1988.

GUIMARÃES, G. Geo-grafias Negras & Geografias Negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN**, v. 12, n. Edição Especial “Geografias Negras”, p. 292–311, 2020.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41, 1995.

HENRIQUES, E. Corpo, pessoa e espaço geográfico: Repensar o humano na geografia humana. In: ESTEVES, A. *et al.* (Orgs). **Geophilia: O sentir e os sentidos da Geografia – Uma homenagem a Jorge Gaspar**. Editora: Centros de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2007, p. 113–128.

HIGGINS, S. S.; RIBEIRO, A. C. A. **Análise de redes em Ciências Sociais**. Brasília: Enap, 2018. 229p.

MARIA, I. Onde estão as mulheres negras na universidade? **Esquerda diário**. 2015. disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Onde-estao-as-mulheres-negras-na-universidade>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MIRANDA, E. Experiências do corpo-território: Possibilidades afro-brasileira para a Geografia Cultural. **Élisée – Revista da Geografia**, v. 6, n. 2, p. 116–128, 2017.

OLIVA, V. Do corpo-espaço ao corpo-território: O que a geografia feminista tem a dizer? **Ensaio de Geografia**, v. 8, n. 17, p. 139–157, 2022.

PEQUENO, V. Corpo: uma categoria útil para a Geografia. **Boletim Alfenense de Geografia**, v. 3, n. 5, p. 18-41, 2023.

PINTO, V.; SILVA, J. Produção científica e geografia: Devassando o poder da invisibilidade de gênero do fazer científico. **Terra Livre**, v. 2, n. 47, p. 52–78, 2018.

RAMOS, É.; MILANI, P. O corpo fora de lugar: De uma geografia dos indivíduos para uma geografia dos sujeitos. **Geographia**, v. 24, n. 52, p. 1–18, 2022.

SANTOS, A. **Racialidades e a produção de artigos científicos no conhecimento geográfico brasileiro entre 2001 e 2018**. 2022. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

SANTOS, Z. **A vitória de uma é a vitória de todas: A trajetória acadêmica das mulheres negras do curso de graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense**. 2020. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

SILVA, É. **Trajетória profissional de mulheres negras docentes na Universidade de Brasília (UnB): Estratégias e resistências**. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SILVA, J. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: Uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, J. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009a, p. 55–92.

SILVA, J. Fazendo geografias: Pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, J. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009b, p. 25–54.

SILVA, J.; ORNAT, M.; CHIMIN JUNIOR, A. Sobre as desobediências epistemológicas e o testamento intelectual de Milton Santos. In: SILVA, J.; ORNAT, M.; CHIMIN JUNIOR, A. (Orgs). **Geografias Feministas e das Sexualidades: Encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016, p. 13–30.

SILVA, J.; ORNAT, M.; CHIMIN JUNIOR, A. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 63 – 7, 2019.

SILVA, E.; SILVA, J. Ofício, engenho e arte: Inspiração e técnica na análise de dados qualitativos. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 7, n. 1, p. 132–154, 2016.

SILVA, S. A perspectiva feminista na geografia brasileira. In: SILVA, J. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 301–313.

SOUZA, L.; RATTIS, A. Escritas e Inscrições de Geógrafas Negras. In: SILVA, J.; ORNAT, M.; CHIMIN JUNIOR, A. (Orgs). **Diálogos-ibero-latino-americanos sobre Geografias Feministas**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017, p. 151–166.

Recebido: 06/04/2024

Aceito: 11/11/2024